

## O mito do “Imperador dos Últimos Dias” no Pseudo-Metódio em uma analogia com os *Oráculos sibilinos*

Stefanie Cavalcante

Graduanda em História, Universidade de Brasília

A tradução do *Apocalipse do Pseudo-Metódio* para o latim no séc.VIII<sup>1</sup> possibilitou a difusão dessa literatura pelo Ocidente Medieval, e em vários casos o mito do “Último Imperador” do Pseudo-Metódio foi associado as profecias *sibilinas*, principalmente nos períodos referentes as cruzadas, quando a imagem do surgimento de uma figura salvadora que viria para ajudar a combater os muçulmanos que haviam invadido Jerusalém<sup>2</sup>, era propícia ao contexto. Com a morte de Carlos Magno, que havia sido coroado imperador romano em 800 d.C., a expectativa do “Último Imperador” ser o *Carolus redivivus* veio à tona. Nos territórios que haviam sido governados por Carlos Magno, os homens sonhavam que surgiria dentre eles um grande imperador no qual as profecias *sibilinas* seriam realizadas<sup>3</sup>.

A despeito do uso do mito do “Último Imperador” ligado a realização das profecias *sibilinas* o objetivo no início deste artigo é apontar algumas semelhanças entre o mito do “Imperador dos Últimos Dias” no *Apocalipse do Pseudo-Metódio*<sup>4</sup>, o “rei vindo do Sol” e o “o homem abençoado vindo do céu” no livro três e no livro cinco, respectivamente, dos *Oráculos Sibilinos*<sup>5</sup>. Para tal, apresentarei o mito do “Imperador dos Últimos Dias” no Pseudo-Metódio e as figuras salvadoras que aparecem nos OrSib 3 e 5, e assim farei alguns paralelos que podem esclarecer por que os medievais associavam com facilidade o mito no Pseudo-Metódio a realização das profecias *sibilinas*. Todavia, na segunda parte deste trabalho, há uma análise histórica com relação a alguns elementos do mito do “Imperador

---

<sup>1</sup> Ernst Sackur. *Sibyllinische Texte und Forschungen*. Halle: Niemeyer, 1898.

<sup>2</sup> Norman Cohn. *The Pursuit of the Millenium*. New York: Oxford University Press, 1970.

<sup>3</sup> Idem, pp.71-74.

<sup>4</sup> Será usada para citações principalmente a versão em latim que está em Sackur, *Sibyllinische Texte*, pp. 59-96.

<sup>5</sup> John J. Collins. “Sibylline Oracles” in: James H. Charlesworth (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha*. New York: Doubleday, 1983-1985. Vol.1. Pp.317-472. Por praticidade usarei a partir desse ponto a abreviatura OrSib, comumente atribuída ao texto.

dos Últimos Dias” no Pseudo-Metódio que ficam em evidência após a análise morfológica deste em comparação às figuras salvadoras dos OrSib.

São Metódio viveu entre fins do séc.III e início do séc.IV, e vários de seus escritos chegaram aos nossos dias, alguns originais, outros em traduções eslavas que remontam o séc.XI. As informações a respeito da vida e da posição eclesiástica de São Metódio são poucas e confusas, mas aparentemente exerceu sua atividade literária entre 270 e 310 d.C. na Lícia, onde, segundo a tradição, foi bispo, ou, na opinião de alguns investigadores modernos, preceptor de uma escola teológica. Na segunda metade do séc.VII um autor siríaco, provavelmente monge, redigiu uma obra apocalíptica e atribuiu a paternidade de seu opúsculo a São Metódio<sup>6</sup>.

O *Apocalipse do Pseudo-Metódio* foi escrito na segunda metade do séc.VII<sup>7</sup>, provavelmente em Singara no Oriente da Mesopotâmia<sup>8</sup>. O original está em siríaco<sup>9</sup>, e no mesmo século da produção o escrito foi traduzido para o grego. No séc.VIII o documento foi traduzido do grego para o latim por um monge na França<sup>10</sup>.

Em sua obra o Pseudo-Metódio divide a história do mundo em seis mil anos e poucos séculos. Contudo, a atenção que o autor atribui a cada um dos sete milênios é variada, e o ponto de maior destaque é a sucessão dos quatro impérios mundiais, onde os três primeiros são a Babilônia, a Média e a Pérsia, e o quarto é o império grego-romano-bizantino governado pelo “Último Imperador”. É evidente a alusão aos impérios descritos pelo profeta Daniel, em Dn 7, onde os impérios são a Babilônia, a Média, a Pérsia e o quarto seria o Macedônio<sup>11</sup>.

---

<sup>6</sup> José van den Beessar. “A profecia apocalíptica de Pseudo-Metódio” in: *Luso-Brazilian Review*, 28. 1991.

<sup>7</sup> Ainda existem algumas discussões sobre a datação, Paul J. Alexander argumenta em seu artigo “Medieval apocalypses as historical sources” in: *The American Historical Review*, 73. 1968, que o escrito não deve ser mais antigo que 660. Contudo, Ernst Sackur data o escrito de 680, em *Sibyllinische Texte*, pp.3-58. E numa obra mais recente, Gerrit J. Reinink. “Pseudo-Methodius und die Legend von römischen Endkaiser” in: Werner Verbeke, Daniel Verhelst e Andries Welkenhuysen (eds.). *The Use and Abuse of Eschatology in the Middle Ages*. Leuven: Leuven University Press, 1988, há argumentos à favor da datação mais antiga ainda, por volta de 690. Todavia, basta para esse artigo que se conheça a datação da segunda metade do séc.VII d.C..

<sup>8</sup> Paul J. Alexander. *The Byzantine Apocalyptic Tradition*. Berkeley / Los Angeles: University of California Press, 1985.

<sup>9</sup> A versão em siríaco pode ser encontrada in: Michael Kmosko. “Das Rätsel des Pseudo-Methodius” in: *Bizantion* 6. 1931. Pp.273-296. O manuscrito em siríaco data do séc..XVI e é o Códice Vaticano Siríaco, n°58.

<sup>10</sup> Beessar, op.cit. A profecia apocalíptica de Pseudo-Metódio, p. 6. e Sackur, *Sibyllinische Texte*, p.59. No manuscrito latino consta uma introdução onde o tradutor se identifica.

<sup>11</sup> A discussão sobre o quarto império em Dn permanece, para alguns autores poderia ser Roma, para outros a Macedônia. Todavia não entrarei no mérito da discussão nesse ensaio.

Para Pseudo-Metódio o quarto império será fundado por Alexandre, o Grande, que será o *primus rex gregorum*<sup>12</sup>. Na breve descrição que o autor faz da vida de Alexandre, é curioso que Pseudo-Metódio coloca o rei macedônio como adorador sincero e piedoso do Deus de Israel, motivo que também pode ser encontrado na *Lenda de Alexandre*<sup>13</sup>. Ainda, Pseudo-Metódio narra o ato de Alexandre pender as “raças imundas”, que estavam aterrorizando todo o mundo, por temer que essas chegassem a Terra Santa e profanassem o local sagrado<sup>14</sup>. No escrito estão listadas 23 raças, sob a liderança de Gog e Magog, e entre essas raças estão os alanos e os hunos<sup>15</sup>, que invadiram o império no séc.V. Após tratar brevemente sobre os feitos de Alexandre, Pseudo-Metódio estabelece a genealogia do “rei dos gregos e dos romanos”, expressão usada pelo autor para se referir ao “Imperador dos Últimos Dias”, que será descendente de Alexandre e da casa real da Etiópia. Assim, Pseudo-Metódio afirma que Chuseth, mãe de Alexandre, o Grande, após a morte de Alexandre, casou-se com Byzas, o fundador legendário de Bizâncio. Desse casamento nasceu uma filha, Bizântia, que foi dada em casamento a Rômulo, a quem Pseudo-Metódio também chama de Armaleu, rei de Roma. Os dois tiveram três filhos, Armaleo, que foi nomeado como seu pai e herdou o governo de Roma, Urbano, que governaria Bizâncio e Cláudio, que reinaria em Alexandria<sup>16</sup>.

Atribuindo a maternidade de Alexandre a Chuseth, uma princesa etíope, Pseudo-Metódio desenvolve uma justificativa para a unidade do último reino, que será governado pelo “rei dos gregos e dos romanos”. A genealogia demonstra que assim como em Dn 7:27, que diz:

*O reino e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo. O seu reino será um reino eterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão.*

O quarto reino no Pseudo-Metódio terá macedônios, gregos, romanos e bizantinos, unidos sob o domínio do império bizantino, que ligado ao reino cristão da Etiópia, trará o

---

<sup>12</sup> Sackur, *Sibyllinische Texte*, p.75.

<sup>13</sup> Ernest A. W. Budge. *The History of Alexander the Great. Being the Syriac Version of Pseudo Callisthenes*. NJ: Gorgias Press LLC, 2003.

<sup>14</sup> Sackur, *Sibyllinische Texte*, pp.73-75.

<sup>15</sup> Idem, p.75.

<sup>16</sup> Para a genealogia feita pelo Pseudo-Metódio cf. Sackur, *Sibyllinische Texte*, pp.72-77.

“Imperador dos Últimos Dias” como rei de um único domínio mundial da Cristandade, protegendo todas as Igrejas, após sua vitória sobre os muçulmanos<sup>17</sup>.

Feita a genealogia dos imperadores romanos-gregos-bizantinos, o Pseudo-Metódio conta que haverá uma invasão dos “filhos de Ismael”, ou seja, ele aborda as invasões muçulmanas ao império bizantino. O autor do documento faz questão de enfatizar a destruição e as desgraças do mundo sob o domínio dos “filhos de Ismael” que durará “dez semanas de anos”, então haverá um tempo em que os invasores se sentirão à salvo e poderosos e no momento em que eles pronunciarem “os cristãos não têm salvador”<sup>18</sup>, surgirá o rei que destruirá os infiéis. Assim:

*Repentinamente tribulação e aflição virão sobre eles. O rei dos gregos, e dos romanos, surgirá contra eles em grande fúria, como desperto de sono de vinho, aquele a quem os homens pensavam estar morto e sem utilidade*<sup>19</sup>.

O “rei dos gregos e dos romanos” surge repentinamente em uma situação de caos e desespero, e com grande fúria luta contra os blasfemadores, para salvar a Cristandade. Ele destruirá o domínio muçulmano e estabelecerá seu reino sobre toda a Terra, e sob seu governo haverá paz, alegria e prosperidade.

O Pseudo-Metódio começa descrever como será o governo do “rei dos gregos e dos romanos” e durante a descrição o autor faz uma pausa e diz que os povos imundos que haviam sido presos por Alexandre, o Grande, atrás dos “Portões do Norte” foram libertos e espalhavam destruição e morte por toda a Terra<sup>20</sup>. Para deter as invasões o autor afirma que Deus enviará um comandante dos céus, “príncipe da milícia divina”<sup>21</sup>, e esse comandante destruirá as “raças imundas”. Nessa batalha, o “Imperador” não parece ter nenhuma ação direta. Parece-me que Pseudo-Metódio queria mostrar a condição humana do “rei dos gregos e dos romanos”, em contraste com a condição divina do comandante enviado por Deus e do próprio Messias, Jesus Cristo, que é representado no fim da narrativa em sua

---

<sup>17</sup> Gerrit J. Reinink “Ps.Methodius: a concept of history in response to the rise of Islam” in: Averil Cameron e Lawrence I. Conrad (eds.). *The Byzantine and Early Islamic Near East I. Problems in the Literary Source Material*. Princeton: The Darwin Press, 1992.

<sup>18</sup> Sackur, *Sibyllinische Texte*, p. 89.

<sup>19</sup> Id.ibid.

<sup>20</sup> Sackur, *Sibyllinische Texte*, pp. 91-93.

<sup>21</sup> Idem, p.92.

Segunda Vinda, quando derrotará o Anticristo e estabelecerá seu reino sobre toda cristandade.

Detidas as invasões das “raças imundas”, Pseudo-Metódio continua a narrativa sobre o governo do “Último Imperador”. O Pseudo-Metódio afirma que o “rei” morará em Jerusalém “por dez anos e meio até que seja revelado o filho da perdição”<sup>22</sup>. Com o surgimento do Anticristo, o “rei dos gregos e dos romanos” subirá ao Gólgota, a Santa Cruz será reerguida, ele colocará sua coroa sobre a cruz, erguerá as mãos para o céu e entregará seu reino cristão para Deus, cumprindo assim a palavra do profeta Davi que diz: “[...] e a Etiópia erguerá suas mãos para Deus” (Sl 68:31). Cumprida a profecia, o espírito do “rei” deixará o seu corpo, e ele morrerá. Nesse momento, Pseudo-Metódio introduz Jerusalém, o Gólgota, a cruz e a coroa, que, como apresentarei adiante, são elementos significativos para a caracterização do mito do “Último Imperador” no escrito.

Após a morte do “Último Imperador”, o Pseudo-Metódio discorre brevemente sobre o reinado do Anticristo e a Segunda Vinda do Messias. Apresentado o mito do “Último Imperador” no Pseudo-Metódio, farei os paralelos que forem possíveis com os OrSib 3 e 5.

A principal dificuldade de trabalhar com fontes como os OrSib, ou seja, que tenham muitas interpolações, é a questão da datação, já que, cada fragmento pode ter sido produzido em um período diferente, o que impossibilita uma única datação para o texto como um todo. Contudo, para esse artigo o que importa é que, provavelmente, os OrSib 3 e 5 já haviam sido produzidos como os conhecemos até o séc.VIII, data da tradução do texto do Pseudo-Metódio para o latim, já que a maior parte dos eventos históricos que os textos descrevem são anteriores a essa data<sup>23</sup>.

O OrSib 3 pode ser localizado, com alguma segurança, como redigido no Egito pela comunidade judaica Alexandrina<sup>24</sup>. No livro, surge uma figura salvadora colocada como o “rei vindo do Sol”:

*E então Deus enviará um rei vindo do Sol quem irá parar com toda guerra maligna na terra, matando alguns, impondo sobre outros juramentos de lealdade; e ele não*

---

<sup>22</sup> Sackur, *Sibyllinische Texte*, p. 93.

<sup>23</sup> Para uma análise dos eventos históricos apresentados nos OrSib 3 e 5 cf. Collins, “Sibylline Oracles”, in: Charlesworth, pp. 354-361 e 390-392, e especificamente sobre o OrSib 3, cf. Erich Gruen. “Jews, Greeks and Romans in the Third Sibylline Oracle” in: Martin Goodman (ed.). *Jews in a Graeco-Roman World*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

<sup>24</sup> Collins, “Sibylline Oracles” in: Charlesworth, p.355.

*fará todas essas coisas por seus próprios planos, mas em obediência aos nobres ensinamentos do maravilhoso Deus*<sup>25</sup>.

Esse personagem surge em meio ao caos e a destruição<sup>26</sup>, sem que houvesse previsão sobre sua vinda, para salvar os justos e acabar com todas guerras, assim, é possível supor que não havendo mais guerras, haverá paz sob seu reinado. Essa paz será alcançada com a morte de alguns e imposição de juramentos sobre outros, o que destaca a posição guerreira do “rei vindo do Sol”. O texto afirma ainda que a figura salvadora não agirá por seus próprios planos, mas de acordo com a vontade de Deus. Dessa forma, ficam evidentes o surgimento repentino, a ação salvadora, a ação guerreira, e a paz que se estabelece após a vitória do “rei vindo do Sol”, que são semelhantes a funções encontradas no mito do “Último Imperador” no Pseudo-Metódio.

O OrSib 5 é também, provavelmente, de produção egípcia, já que contém trechos que se referem diretamente ao Egito, e menções a Ísis e Cleópatra<sup>27</sup>. Por possuir características judaicas, o livro também parece ser composto pela comunidade judaica Alexandrina<sup>28</sup>. No OrSib 5, assim como no OrSib 3, surge uma figura salvadora, também sem que haja previsão sobre sua vinda, agora um “homem abençoado vindo do céu”<sup>29</sup>. Esse salvador surge após a destruição do Templo<sup>30</sup>, uma evidente situação de caos considerando a produção judaica do texto, e vem para salvar os justos e destruir aquelas nações perversas<sup>31</sup>.

*[...]Ele [o homem abençoado vindo do céu] destruiu todas as cidades a partir de suas fundações com muito fogo, e queimou as nações de mortais que eram claramente más [...]*<sup>32</sup>.

A destruição por fogo e o ato de queimar as pessoas más, parecem demonstrar a ação guerreira do “homem abençoado vindo do céu”. É mais evidente que nos OrSib 3, haverá um período de paz sob o governo do “homem abençoado vindo do céu”, onde “Leste e

---

<sup>25</sup> OrSib 3:652-656.

<sup>26</sup> OrSib 3:635-651.

<sup>27</sup> Collins, “Sibylline Oracles” in: Charlesworth, pp.390-391.

<sup>28</sup> Id.ibid.

<sup>29</sup> OrSib 5:414.

<sup>30</sup> OrSib 5:397-413.

<sup>31</sup> OrSib 5:418-420.

<sup>32</sup> OrSib 5:418-419.

Oeste cantarão a Glória de Deus, e as coisas terríveis não acontecerão mais com os mortais”<sup>33</sup>.

Assim, tanto no mito do “Imperador dos Últimos Dias” no Pseudo-Metódio, quanto nos OrSib 3 e 5 existem paralelos evidentes. A situação de caos, o aparecimento repentino, a ação salvadora, a atitude guerreira que eliminará os perversos, e a paz que será estabelecida após a vitória das figuras salvadoras nas três fontes, são pontos que estão presentes nos três textos e de importância significativa para a caracterização da figura mítica do “Último Imperador” de que se apropriou Pseudo-Metódio.

Essa análise meramente morfológica, dá indícios do por quê era tão claro para os homens medievais que a expectativa do “Último Imperador” no Pseudo-Metódio fosse associado a realização das profecias *sibílicas*<sup>34</sup>. E, além disso, indica que o mito da expectativa do surgimento de uma figura salvadora, diferente do Messias, era anterior a produção do texto do Pseudo-Metódio e possivelmente fazia parte da tradição cristã no séc.VII, dado o contexto de reprodução e apropriação dos livros *sibílicos* pelos cristãos, já que mesmo sem poder afirmar as condições de consumo dessas obras é possível constatar tiveram grande aceitação em alguns períodos pela quantidade de cópias que existem dos mesmos e de interpolações claramente cristãs nas redações.

Todavia, feita a análise morfológica, alguns elementos essenciais no Pseudo-Metódio, que não são encontrados no mito das figuras salvadoras nos OrSib 3 e 5, ficam evidenciados, são eles: Jerusalém, a Santa Cruz, o Gólgota, e a coroa do “rei dos gregos e romanos”, e a abordagem histórica pode fornecer soluções possíveis que expliquem por quê o Pseudo-Metódio se apropriou desses elementos no contexto do séc.VII, no Oriente da Mesopotâmia.

Jerusalém, o Gólgota e a cruz podem ser explicados historicamente com alguma clareza. Uma das principais preocupações de Pseudo-Metódio é estabelecer que os muçulmanos não estão apoiados por Deus, e que são apenas instrumentos usados para punir os cristãos pelos pecados cometidos<sup>35</sup>. Pseudo-Metódio estava preocupado com o número de conversões de cristãos para o Islã, daí a conotação negativa dada ao último.

---

<sup>33</sup> OrSib 5:428-429.

<sup>34</sup> Cohn, *The Pursuit of the Millenium*, p.71.

<sup>35</sup> Uma enorme parte da narrativa é dedicada as atrocidades cometidas pelos “filhos de Ismael”. Cf. Sackur, *Sibyllinische Texte*, pp. 80-89.

Aparentemente, o autor desejava ressaltar que o sucesso militar dos muçulmanos não justificava nenhuma conversão ao Islã<sup>36</sup>. Nesse contexto, os muçulmanos não se mostravam somente como sucessores políticos de Bizâncio, mas também como sucessores religiosos do cristianismo<sup>37</sup>. Assim, Pseudo-Metódio fixando a morada do “rei dos gregos e dos romanos” em Jerusalém por “dez anos e meio” mostra que Jerusalém é a cidade da Cristandade e será até o fim dos tempos.

A introdução da cruz no Gólgota, ao que me parece, pode ser explicada por um acontecimento bem próximo do autor do texto. Em março de 630 d.C., Heráclio, imperador bizantino de 610 até 641 d.C., acompanhou pessoalmente a devolução a Jerusalém do que ele e seus companheiros acreditavam ser relíquias da cruz de Cristo que os persas haviam removido da cidade em 614 d.C.<sup>38</sup>. Pela narrativa, Pseudo-Metódio parecia acreditar que a cruz não havia permanecido no Gólgota desde a crucificação do Messias até a ascensão do “Último Imperador”. Pseudo-Metódio narra que:

*[...] imediatamente quando o Filho da Perdição for revelado, então o Rei dos Gregos ascenderá ao Gólgota e a Santa Cruz será erguida no local onde estava quando carregava o Messias [...]*<sup>39</sup>.

Ao meu ver, Pseudo-Metódio pode ter se apropriado de um acontecimento histórico para justificar a posição da cruz. E, destacando a cruz, símbolo da vitória da cristandade<sup>40</sup>, junto a ação do “rei dos gregos e dos romanos”, o Pseudo-Metódio reforça a propaganda contra as conversões ao Islã, já que por meio do “Último Imperador” a cristandade seria vitoriosa.

O último elemento do mito, e de mais difícil interpretação, é a coroa. Esse elemento é introduzido no momento que o “rei dos gregos” coloca sua coroa sobre a Santa Cruz e

---

<sup>36</sup> Walter E. Kaegi. “Initial Byzantine Reactions to the Arab Conquest” in: *Church History*, 38. 1969.

<sup>37</sup> Gerrit J. Reinink. “The Romance of Julian the Apostate as a source for seventh-century Syriac Apocalypses” in: P. Canivet e J.-P. Rey-Coquais (eds). *La Syriade Bizance à l’Islam VIIe-VIIIe siècles*. Damas: Institut Français d’Études Arabes de Damas. 1992.

<sup>38</sup> Walter E. Kaegi. *Byzantium and the Early Islamic Conquests*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

<sup>39</sup> Tradução de Paul J. Alexander do Códice Vaticano Siríaco n° 58, fol. 135<sup>r</sup>. A tradução do fragmento se encontra em “The Medieval Legend of the Last Roman Emperor and its messianic origin” in: *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, vol. 41. 1978. A mesma frase pode ser encontrada em Sackur, *Sibyllinische Texte*, p. 93, na versão latina do texto.

<sup>40</sup> Para a cruz como símbolo da vitória da cristandade cf. Gerrit J. Reinink. “Ismael, der Wildsel in der Wüste. Zur Typologie der Apokalypse des Pseudo-Methodius” in: *Byzantinische Zeitschrift* 75, 1982. (Nota 25).

ergue suas mãos para o céu, entregando seu reino cristão terreno para Deus, e assim a profecia de Davi no Salmo 68:32 se cumprirá e o rei morrerá<sup>41</sup>. A coroa pode ser vista, ao que me parece, como símbolo de um governo terreno semelhante ao governo de Cristo no céu, já que o “Último Imperador” tem um governo inspirado e instituído por Deus. Ao entregar a coroa junto com a cruz, que ascenderão ao céu juntas, pouco antes da morte do “rei”, o “Imperador” estaria, simbolicamente, entregando o reino terrestre para Deus e para Cristo.

A análise dos paralelos entre o “Imperador dos Últimos Dias” no Pseudo-Metódio e as figuras salvadoras dos OrSib 3 e 5 é uma tentativa de esclarecer a tendência que os homens medievais, principalmente clérigos, tinham em ligar a expectativa do surgimento do “Último Imperador” a realização das profecias *sibyllinas*. E com na base visão histórica é possível entender as apropriações que Pseudo-Metódio acrescenta ao mito, ou seja, o papel que desempenham Jerusalém, a cruz, o Gólgota e a coroa e porquê o Pseudo-Metódio acrescentou esses motivos ao mito em seu opúsculo.

---

<sup>41</sup> Sackur, *Sibyllinische Texte*, pp. 93-94.